

## **DUQUE DE CAXIAS - LUÍS ALVES DE LIMA E SILVA**



Foi Barão, Conde, Marquês e Duque de Caxias Luís Alves de Lima e Silva, que nasceu em Porto Estrela (Rio de Janeiro) a 25 de Agosto de 1803 e morreu em Jurapanã (Rio de Janeiro) a 07 de Maio de 1880, filho do Marechal Francisco de Lima e Silva e de sua mulher, D. Maria Cândida de Oliveira Belo e irmão do Conde de Tocantins e de D. Carlota Guilhermina de Lima e Silva, que foi, por seu casamento, Baronesa de Soruí.

Aos 5 anos assentou praça no exército e aos quinze foi promovido a alferes, cursando então a academia militar. Dedicou-se ao estudo de engenharia e em 1821 foi promovido a tenente e escolhido por D. Pedro I para ajudante do Batalhão do Imperador e encarregado de marchar sobre a Baía para repelir as tropas portuguesas nas lutas que se travavam pela independência.

Desde 1825 e por quatro anos fez a campanha de Montevideu. Na vigência de D. Pedro II foi encarregado de combater os rebeldes da província do Maranhão, S. Paulo, Rio Grande do Sul, e Minas Gerais, que conseguiu pacificar em 1840, 1842, e 1845.

Em 1855 sobraçou a pasta da guerra e em 1862 cumulativamente a presidência do Conselho, sendo neste último ano nomeado marechal de Exército. Em 1863/64 tomou assento no Senado.

Foi dignitário de todas as ordens honoríficas brasileiras, inclusivamente da Ordem de D. Pedro I, como grã-cruz, e é patrono de uma cadeira do Instituto Brasileiro de Cultura. O Rio de Janeiro erigiu-lhe um monumento. Por decreto de 9 de Março de 1889 foi criada a medalha de ouro Duque de Caxias como recompensa a conferir aos alunos do Imperial Colégio Militar.

Casou em 06 de Janeiro de 1833 no Rio de Janeiro com D. Ana Luísa Viana (1816/1874), filha do conselheiro Paulo Fernandes Viana e de sua mulher D. Luísa Rosa Carneiro da Costa.

Desse matrimónio houve três descendentes, a primeira dos quais, D. Luísa de Loreto, foi, por seu casamento, Viscondessa de Ururaí.

Foi-lhe concedido o título de Barão em 1841, de Conde em 1845, de Marquês em 1852 e de Duque (a primeira vez dado a um brasileiro) em 1869 por D. Pedro II.

[in *Nobreza de Portugal e do Brasil*, coordenado por António Zuquete]

## **DUQUE DE CAXIAS**

O mais hábil general brasileiro do séc. XIX, Luís Alves de Lima, nasceu em 1803, pertencendo a uma família oriunda do Algarve em Portugal.

Aderindo com entusiasmo à causa da independência brasileira, mas desejando vivamente a manutenção da ordem no novo império, pôs a sua espada à disposição de D. Pedro I, para sufocar a revolta, que o obrigou a abdicar.

Servindo depois lealmente os governos que o Brasil sancionou com a sua adesão e o seu voto, sufocou a revolta do Maranhão, a de S. Paulo e Minas, e finalmente a do Rio Grande do Sul, que pôs mais do que nenhuma outra em sério perigo a integridade do império brasileiro. Sempre vitorioso, foi ele quem dirigiu a campanha contra Rosas, e quem infligiu a derrota suprema a esse terrível ditador.

Ministro por várias vezes, foi o organizador do exército brasileiro que empreendeu a campanha do Paraguai.

Depois, pondo-se à frente desse mesmo exército, franqueou os terríveis passos de Gurupaity e de Humaytá, ganhou umas poucas de batalhas, e, entrando triunfante na capital do Paraguay, fez tremular nas rendidas muralhas de Assunção a bandeira auri-verde.

Ao conde d'Eu coube a gloria de debelar os últimos esforços do ditador da republica, ao duque de Caxias coube a gloria indisputável de ter vibrado a esse terrível e enérgico inimigo da Brasil o golpe mais fundo, e que tornou, apesar da indomável perseverança de Lopez, quase desesperada a sua causa.

O governo e o povo do Brasil reconheceram sempre os altos serviços desse glorioso guerreiro, dando-lhe com o bastão de marechal o título mais elevado da nobiliarquia brasileira, o povo fazendo em 1880 da morte do velho duque um verdadeiro luto nacional.

É que todos reconheciam, como o autor deste livro já disse algures, que a espada do duque de Caxias, como a espada de Grant ou de Sherman, dera a um tempo à sua pátria uma potente unidade, e à civilização da América um glorioso triunfo.

(Pinheiro Chagas, 1909)

## **TESTAMENTO DO DUQUE DE CAXIAS**

Em nome de Deus. Amém.

Eu, Luís Alves de Lima, Duque de Caxias, achando-me com saúde e meu perfeito juízo, ordeno o meu testamento, da maneira seguinte: sou católico romano, tenho nesta fé vivido, e pretendo morrer.

Sou natural do Rio de Janeiro, batizado na freguesia de Inhamerim; filho legítimo do Marechal Francisco de Lima e Silva, e de sua legítima Mulher, dona Mariana Cândida Bello de Lima, ambos já falecidos.

Fui casado à face da Igreja com a virtuosa dona Anna Luiza Carneiro Viana de Lima, Duquesa de Caxias, já falecida, de cujo matrimônio restam dois filhos que são Luiza e Anna, as quais se acham casadas; a primeira com Francisco Nicolas Carneiro Nogueira da Gama, e a segunda, com Manoel Carneiro da Silva, as quais são as minhas legítimas herdeiras.

Declaro que nomeio meus testamentários, em 1º lugar, o meu genro Francisco Nicolas, em 2º meu genro Manoel Carneiro, em 3º meu irmão e amigo, o Visconde de Tocantins, e lhes rogo que aceitem esta testamentária, da qual só darão contas no fim de dois anos.

Recomendo a estes que quero que meu enterro seja feito, sem pompa alguma, e só como irmão da Cruz dos Militares, no grau que ali tenho. Dispensando o estado da Casa Imperial, que se costuma a mandar aos que exercem o cargo que tenho.

Não desejo mesmo, que se façam convites para o meu enterro, porque os meus amigos que me quiserem fazer este favor, não precisam dessa formalidade e muito menos consintam os meus filhos que eu seja embalsamado.

Logo que eu falecer deve o meu testamenteiro fazer saber ao Quartel General, e ao ministro da Guerra que dispenso as honras fúnebres que me pertencem como Marechal do Exército e que só desejo que me mandem seis soldados, escolhidos dos mais antigos, e melhor conduta, dos corpos da Guarnição, para pegar as argolas do meu caixão, a cada um dos quais o meu testamenteiro, no fim do enterro, dará 30\$000 de gratificação.

Declaro que deixo ao meu criado, Luiz Alves, quatrocentos mil réis e toda a roupa do meu uso.

Deixo ao meu amigo e companheiro de trabalho, João de Souza da Fonseca Costa, como sinal de lembrança, todas as minhas armas, inclusive a espada com que comandei, seis vezes, em campanha, e o cavalo de minha montaria, arreado com os arreios melhores que tiver na ocasião da minha morte.

Deixo à minha irmã, a Baroneza de Suruhi, as minhas condecorações de brilhantes da ordem de Pedro I como sinal de lembrança e a meu irmão, o Visconde de Tocantins, meu candieiro de prata, que herdei do meu pai.

Deixo meu relógio de ouro com a competente corrente ao Capitão Salustiano de Barros Albuquerque, também como lembrança pela lealdade com que tem me servido como amanuense.

Deixo à minha afilhada Anna Eulália de Noronha, casada com o Capitão Noronha, dois contos de réis. Cumpridas estas disposições, que deverão sair da minha terça, tudo o mais que possuo será repartido com as minhas duas filhas Anna e Luiza, acima declaradas.

Mais nada tenho a dispor, dou por findo o meu testamento, rogando as justiças do país, que o façam cumprir por ser esta a minha última vontade escrita por mim e assinada.

Rio de Janeiro, 23 Abr 1874

Luís Alves de Lima

Duque de Caxias

<http://www.sacralidade.com/sacral2008/0113.caxias.html> (17/06/2012)

# PERSONAGENS DA HISTÓRIA MILITAR - MARECHAL LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, DUQUE DE CAXIAS

\* 25/08/1803 - Duque de Caxias-RJ



+ 07/05/1880 - Vassouras-RJ

Luís Alves de Lima e Silva, nasceu em 25 de agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, no Taquaru, Vila de Porto da Estrela, na Capitania do Rio de Janeiro, quando o Brasil era Vice Reino de Portugal. Hoje, é o local do Parque Histórico Duque de Caxias, no município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro.

Filho do Marechal-de-Campo Francisco de Lima e Silva e de D. Mariana Cândida de Oliveira Belo. Ao seu pai, Veador da Imperatriz Leopoldina, coube a honra de apresentar em seus braços à Corte, no dia 2 de dezembro de 1825, no Paço de São Cristóvão, o recém-nascido que, mais tarde, viria a ser o Imperador D. Pedro II.

## Primeiros anos

Em 22 de maio de 1808, época em que a Família Real Portuguesa transfere-se para o Brasil, Luís Alves é titulado Cadete de 1ª Classe, aos 5 anos de idade.

Pouco se sabe da infância de Caxias. Pelos almanaques do Rio de Janeiro da época e publicados pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os quais davam o nome das ruas em que moravam as autoridades governamentais, sabe-se que seu pai, desde capitão, em 1811, residia na rua das Violas, atual rua Teófilo Otoni. Esta rua das Violas, onde existiam fabricantes de violas e violões e onde se reuniam trovadores e compositores, foi o cenário principal da infância de Caxias.

Sabe-se que estudou no convento São Joaquim, onde hoje se localiza o Colégio D. Pedro II, e próximo do Quartel do Campo de Santana que ele viu ser construído e

que hoje é o Palácio Duque de Caxias, onde está instalado o Comando Militar do Leste.

## Guerra de Independência do Brasil

Em 1818, aos quinze anos de idade, matriculou-se na Academia Real Militar, de onde egressou, promovido a Tenente, em 1821, para servir no 1º Batalhão de Fuzileiros, unidade de elite do Exército do Rei.

O retorno da família real e as consequências que daí advieram, concorreram para almejada emancipação do país. D. Pedro proclama a independência do Brasil e organiza, ele próprio, em outubro de 1822, no Campo de Sant'Ana, a Imperial Guarda de Honra e o Batalhão do Imperador, integrado por 800 militares selecionados, tipos atléticos e oficiais de valor excepcional, escolhidos da tropa estendida à sua frente. Coube ao Tenente Luís Alves de Lima e Silva receber, na Capela Imperial, a 10 de novembro de 1822, das mãos do Imperador D. Pedro I, a bandeira do Império recém-criada.

No dia 3 de junho de 1823, o jovem militar tem seu batismo de fogo, quando o Batalhão do Imperador foi destacado para a Bahia, onde pacificaria movimento contra a independência comandado pelo General Madeira de Melo. No retorno dessa campanha, recebeu o título que mais prezou durante a sua vida - o de *Veterano da Independência*.

## Na Cisplatina e na pacificação do Maranhão

Em 1825 iniciou-se a campanha da Cisplatina e o então Capitão Luís Alves desloca-se para os pampas, junto com o Batalhão do Imperador. Sua bravura e competência como comandante e líder o fazem merecedor de várias condecorações e comandos sucessivos, retornando da campanha no posto de Major.

A 6 de janeiro de 1833, no Rio de Janeiro, o Major Luís Alves casava-se com a senhorita Ana Luiza de Loreto Carneiro Viana que contava, na época, com dezesseis anos de idade.

Em 1837, já promovido a Tenente Coronel, Caxias é escolhido "por seus descortino administrativo e elevado espírito disciplinador" para pacificar a Província do Maranhão, onde havia iniciado o movimento da Balaiada.

Em 2 de dezembro de 1839 é promovido a Coronel e, por Carta Imperial, nomeado Presidente da Província do Maranhão e Comandante Geral das forças em operações, para que as providências civis e militares emanassem de uma única autoridade.

Em agosto de 1840, mercê de seus magníficos feitos em pleno campo de batalha, Caxias foi nomeado Veador de Suas Altezas Imperiais.

Em 18 de julho de 1841, em atenção aos serviços prestados na pacificação do Maranhão, foi-lhe conferido o título nobiliárquico de Barão de Caxias. Por quê Caxias? *"Caxias simbolizava a revolução subjugada. Essa princesa do Itapicuru havia sido mais que outra algema afligida dos horrores de uma guerra de bandidos; tomada e retomada pelas forças imperiais, e dos rebeldes várias vezes, foi quase ali que a insurreição começou, ali que se encarniçou tremenda; ali que o Coronel Luís Alves de Lima e Silva entrou, expedindo a última intimação aos sediciosos para que*

*depusessem as armas; ali que libertou a Província da horda de assassinos. O título de Caxias significava portanto: - disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória", explica o seu biógrafo Padre Joaquim Pinto de Campos.*

Em 1841, Caxias é promovido a Brigadeiro e, em seguida, eleito unanimemente, deputado à Assembléia Legislativa pela Província do Maranhão e, já em março de 1842, é investido no cargo de Comandante das Armas da Corte.



### **Revoltas Liberais de 1842**

Em maio de 1842 iniciava-se um levante na Província de São Paulo, suscitado pelo Partido Liberal. D. Pedro II, com receio que esse movimento, alastrando-se, viesse fundir-se com a revolta farroupilha que se desenvolvia no sul do Império, resolve chamar Caxias para pacificar a região. Assim, o Brigadeiro Lima e Silva é nomeado Comandante-chefe das forças em operações da Província de São Paulo e, ainda, Vice-Presidente dessa Província.

Cumprida a missão em pouco mais de um mês, o Governo, temeroso que a revolta se envolvesse a Província das Minas Gerais, nomeia Caxias Comandante do Exército pacificador naquela região, ainda no ano de 1842. Já no início do mês de setembro a revolta estava abafada e a Província pacificada.

No dia 30 de julho de 1842, "pelos relevantes serviços prestados nas Províncias de São Paulo e Minas", é promovido ao posto de Marechal-de-Campo graduado, quando não contava sequer quarenta anos de idade.

Ainda grassava no sul a revolta dos farrapos. Mais de dez Presidentes de Província e Generais se haviam sucedido desde o início da luta, sempre sem êxito. Mister de sua



capacidade administrativa, técnico-militar e pacificadora, o Governo Imperial nomeou-o, em 1842, Comandante-chefe do Exército em operações e Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

## Revolução Farroupilha

Logo ao chegar a Porto Alegre fez apelo aos sentimentos patrióticos dos insurretos através de um manifesto cívico. A certo passo dizia: "*Lembraí-vos que a poucos passos de vós está o inimigo de todos nós - o inimigo de nossa raça e de tradição. Não pode tardar que nos meçamos com os soldados de Oribe e Rosas; guardemos para então as nossas espadas e o nosso sangue. Abracemo-nos para marcharmos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é a nossa mãe comum*".

Mesmo com carta branca para agir contra os revoltosos, marcou sua presença pela simplicidade, humanidade e altruísmo com que conduzia suas ações. Assim ocorreu quando da captura de dez chefes rebeldes aprisionados no combate de Santa Luzia onde, sem arrogância, com urbanidade e nobreza, dirigiu-se a eles dizendo: "*Meus senhores, isso são conseqüências do movimento, mas podem contar comigo para quanto estiver em meu alcance, exceto para soltá-los*".

Se no honroso campo da luta, a firmeza de seus lances militares lhe granjeava o rosário de triunfos que viria despertar nos rebeldes a idéia de pacificação, paralelamente, seu descortino administrativo, seus atos de bravura, de magnanimidade e de respeito à vida humana, conquistaram a estima e o reconhecimento dos adversários. Por essas razões é que os chefes revolucionários passaram a entender-se com o Marechal Barão e Caxias, em busca da ambicionada paz. E em 1º de março de 1845 é assinada a paz de Ponche Verde, dando fim à revolta farroupilha.

Em 1845 Caxias é efetivado no posto de Marechal-de-Campo e é elevado a Conde. Em seguida, mesmo sem ter se apresentado como candidato, teve a satisfação de ter seu nome indicado pela Província que pacificara há pouco, para Senador do Império. Em 1847 assume efetivamente a cadeira de Senador pela Província do Rio Grande do Sul.

## Guerra contra Oribe e Rosas

A aproximação das chamas de uma nova guerra na fronteira sul do Império acabaram por exigir a presença de Caxias, novamente, no Rio Grande do Sul e em junho de 1851 foi nomeado Presidente da Província e Comandante-chefe do Exército do Sul, ainda não organizado. Essa era a sua principal missão: preparar o Império para uma luta nas fronteiras dos pampas gaúchos.

Assim, em 5 de setembro de 1851 Caxias adentra o Uruguai, batendo as tropas de Manoel Oribe, diminuindo as tensões que existiam naquela parte da fronteira.

Em 1852, é promovido ao posto de Tenente-general e recebe a elevação ao título Marquês de Caxias. Em 1853, uma Carta Imperial lhe confere a Carta de Conselho, dando-lhe o direito de tomar parte direta na elevada administração do Estado e em 1855 é investido do cargo de Ministro da Guerra. Em 1857, por moléstia do Marquês de Paraná, assume a Presidência do Conselho de Ministros do Império, cargo que voltaria a ocupar, em 1861, acumulativamente com o de Ministro da Guerra.

Em 1862 foi graduado Marechal-do-Exército, assumindo novamente a função de Senador no ano de 1863.

### Guerra da Tríplice Aliança

Em 1865 inicia-se a Guerra da Tríplice Aliança, reunindo Brasil, Argentina e Uruguai contra as forças paraguaias de Solano Lopez. No ano de 1866, Caxias é nomeado Comandante-chefe das Forças do Império em operações contra o Paraguai, mesma época em que é efetivado Marechal-do-Exército. Cabe destacar que, comprovando o seu elevado descortínio de chefe militar, Caxias utiliza, pela primeira vez no continente americano, a aeroestação (balão) em operações militares, para fazer a vigilância e obter informações sobre a área de operações.

O tino militar de Caxias atinge seu ápice nas batalhas dessa campanha. Sua determinação ao Marechal Alexandre Gomes Argolo Ferrão para que fosse construída a famosa estrada do Grão-chaco, permitindo que as forças brasileiras executassem a célebre marcha de flanco através do chaco paraguaio imortalizou seu nome na literatura militar. Da mesma forma, sua liderança atinge a plenitude no seu esforço para concitar seus homens à luta na travessia da ponte sobre o arroio Itororó - "*Sigam-me os que forem brasileiros*".

Caxias só deu por finda sua gloriosa jornada ao ser tomada a cidade de Assunção, capital do Paraguai, a 1º de janeiro de 1869.



***Estátua equestre do Duque de Caxias***

## Últimos anos

Em 1869, Caxias tem seu título nobiliárquico elevado a Duque, mercê de seus relevantes serviços prestados na guerra contra o Paraguai. Eis aí um fato inédito pois Caxias foi o único Duque brasileiro. Em 1875, pela terceira vez, é nomeado Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros.

Caxias ainda participaria de fatos marcantes da história do Brasil, como a "Questão Religiosa", o afastamento de D. Pedro II e a Regência da Princesa Isabel. Já com idade avançada, Caxias resolve retirar-se para sua terra natal, a Província do Rio de Janeiro, na Fazenda Santa Mônica, na estação ferroviária do "Desengano", hoje Juparaná, próximo à Vassouras.

No dia 7 de maio de 1880, às 20 horas e 30 minutos, fechava os olhos para sempre aquele bravo militar e cidadão, que vivera no seio do Exército para glória do próprio Exército.

No dia seguinte, chegava, em trem especial, na Estação do Campo de Sant'Ana, o seu corpo, vestido com o seu mais modesto uniforme de Marechal-de-Exército, trazendo ao peito apenas duas das suas numerosas condecorações, as únicas de bronze: a do Mérito Militar e a Geral da Campanha do Paraguai, tudo consoante suas derradeiras vontades expressas.

Outros desejos testamentários são respeitados: enterro sem pompa; dispensa de honras militares; o féretro conduzido por seis soldados da guarnição da Corte, dos mais antigos e de bom comportamento, aos quais deveria ser dada a quantia de trinta cruzeiros (cujos nomes foram imortalizados em pedestal de seu busto em passadiço do Conjunto Principal antigo da Academia Militar das Agulhas Negras); o enterro custeado pela Irmandade da Cruz dos Militares; seu corpo não embalsamado. Quantas vezes o caixão foi transportado, suas alças foram seguras por seis praças de pré do 1º e do 10º Batalhão de Infantaria.

No ato do enterramento, o Visconde de Taunay, então Major do Exército, proferiu alocução assim concluída: *"Carregaram o seu féretro seis soldados rasos; mas, senhores, esses soldados que circundam a gloriosa cova e a voz que se levanta para falar em nome deles, são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro. Representam o preito derradeiro de um reconhecimento inextinguível que nós militares, de norte a sul deste vasto Império, vimos render ao nosso velho Marechal, que nos guiou como General, como protetor, quase como pai durante 40 anos; soldados e orador, humilde todos em sua esfera, muito pequenos pela valia própria, mas grandes pela elevada homenagem e pela sinceridade da dor"*.

## Homenagens

Em 25 de agosto de 1923, a data de seu aniversário natalício passou a ser considerada como o Dia do Soldado do Exército Brasileiro, instituição que o forjou e de cujo seio emergiu como um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Ele prestou ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços como político e administrador público de contingência e, inigualados, como soldado de vocação e de tradição familiar, a serviço da unidade, da paz social, da integridade e da soberania do Brasil Império.

Em mais uma justa homenagem ao maior dos soldados do Brasil, desde 1931 os Cadetes do Exército da Academia Militar das Agulhas Negras, portam, como arma privativa, o Espadim de Caxias, cópia fiel, em escala, do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias que desde 1925 é guardado como relíquia pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a que o Duque de Caxias integrou como sócio Honorário a partir de 11 de maio 1847.

O Decreto do Governo Federal de 13 de março de 1962 imortalizou nome do Duque de Caxias como o Patrono do Exército Brasileiro. Atualmente, os restos mortais do Duque de Caxias, de sua esposa e de seu filho, repousam no Pantheon à Caxias, construído em frente ao Palácio Duque de Caxias, na cidade do Rio de Janeiro.

<http://darozhistoriamilitar.blogspot.pt/2009/08/personagens-da-historia-militar.html>  
(17/06/2012)

## **Marechal Luís Alves de Lima e Silva Duque de Caxias**



### **O NOME**

O Patrono do Exército Brasileiro - Marechal Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias - nasceu no dia 25 de agosto de 1803, na Fazenda Taquaraçu ou de São Paulo, Província do Rio de Janeiro (atual Município de Duque de Caxias).

Oriundo de uma família genuinamente militar, menino Luís herdou de seus antepassados o gosto pelas Armas fazendo-se cadete aos cinco anos de idade. Aos 14, jurava bandeira, ofertando à Pátria os seus serviços. Em 1818, matriculou-se na Academia Real Militar e, no mesmo ano, foi promovido ao posto de Alferes. Em 1821, aos 17 anos, já Tenente, serviu no 1º Batalhão de Fuzileiros, unidade de elite do Exército do Rei.

Com mais de 20 anos foi promovido a Capitão, após relevantes serviços como Ajudante do recém-criado Batalhão do Imperador, na época em luta na Bahia contra soldados portugueses insurgentes, que não aceitavam a Independência do Brasil. Pouco tempo depois, recebia de D. Pedro I a insígnia da Imperial Ordem do Cruzeiro, a mais alta honraria brasileira. Era o início de uma carreira coroada de êxitos.

Seguiu para Montevidéu a fim de combater Lavalleja em 1825. Sufocou a "Abrilada" em 1832.

Já no Posto de Coronel em 1839, foi incumbido de governar o Maranhão, conseguindo derrotar a "Balaiada". Regressou ao Rio de Janeiro em 1841, sendo logo solicitado para combater os revoltosos da província de São Paulo, do qual foi nomeado Vice-Presidente.

Quando de sua promoção a Brigadeiro, no dia 18 de julho de 1841, foi-lhe conferido também o título de nobiliárquico de Barão de Caxias, em atenção aos serviços prestados na pacificação do Maranhão.

Conseguiu pôr termo à Guerra dos Farrapos, depois de ter sido nomeado Presidente do Rio Grande do Sul e Comandante Chefe das Forças Armadas, que operavam naquela província; Senador em 1845. Foi nomeado para a Pasta da Guerra em 1855, e Presidente do Conselho em 1862; foi promovido a Marechal Graduado no mesmo ano.

Coube a Caxias um papel incomparável na vitória dos aliados, com a eclosão da Guerra do Paraguai. Demonstrou todo o seu gênio militar quando assumiu o Comando da Campanha, no afastamento de Mitre. Após importantes vitórias, cansado e doente, retirou-se do campo de luta. Retornou ainda ao Senado e foi Conselheiro de Estado Extraordinário. Em 23 de Março de 1869, recebeu o título de Duque. O dia do seu nascimento foi consagrado ao dia do soldado brasileiro. Em 1869, por seus relevantes serviços na Guerra do Paraguai, o então Marechal-de-Exército Luís Alves de Lima e Silva foi agraciado com o título de Duque de Caxias.

Um dos mais notáveis vultos de nossa História Pátria, Duque de Caxias faleceu a 7 de maio de 1880, na Fazenda Santa Monica, estação de Desengano (hoje Jiparaná), Rio de Janeiro, deixando um legado de grandes valores patrióticos, eternos e vivificantes exemplos para todos os brasileiros.

---

- **NOMAR** - Notícias da Marinha, Rio de Janeiro, SRPM, n.º 439, jan. 1980; n.º 482, ago. 1983; n.º 534, fev. 1988; n.º 535, mar. 1988.

<http://naviosbrasil.com.br/nqb/D/D069/D069-NB.htm> (17/06/2012)